

LEITE ORGÂNICO PELO PRODUTOR RICARDO SCHIAVINATTO

BALDE BRANCO

Ano 51 – número 615 – janeiro 2016 – R\$ 10,50 – www.baldebranco.com.br

2016

CUSTOS, GESTÃO, COTAÇÃO E MERCADO

**O que os produtores de leite precisam saber
para driblar a crise e assegurar lucratividade**

Febre aftosa:
Brasil quer por
fim à vacinação

**Como tratar
sucessão e herança
na família rural**

**A qualidade do
leite e a avaliação
nutricional das vacas**



O FATOR "H"

Diversas são as técnicas disponíveis para a produção de leite bovino. Elas vão desde os diferentes sistemas de produção, passando pelos mais variados tipos de alimentos volumosos, pelas alternativas de ingredientes utilizados no balanceamento das dietas, pelas distintas estratégias que visem ao bem-estar dos animais, pelas várias maneiras de manter em alerta máximo o combate a parasitos internos, externos e agentes causadores de inúmeras doenças que acometem o rebanho, pelo complexo mundo do melhoramento genético, culminando nos processos para que se obtenha um leite de qualidade.

Todas as técnicas de produção compõem um elenco de oportunidades que serão utilizadas de acordo com a situação e a necessidade de cada propriedade. Entretanto, qualquer uma delas pode não apresentar o resultado esperado, caso ocorra falha em sua execução. É a influência do fator 'H', também conhecido por fator humano.

A migração de parcela considerável da população rural brasileira para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida é, há algum tempo, uma realidade. Sem qualificação para os inúmeros trabalhos a que se candidataram, essas pessoas foram treinadas para melhor exercer suas novas funções.

É comum ver em restaurantes, bancos, laboratórios de análises clínicas, caixas de supermercado, balcões dos aeroportos, pessoas sendo treinadas, ostentando o crachá de 'em treinamento'. O fato é que estão sempre acompanhadas de uma funcionária (de preferência) ou um funcionário veterano que tenha muita paciência para ensinar o ofício. O resultado esperado será um empregado treinado e capacitado para exercer a função.

No setor leiteiro, quando o produtor sofre a perda de um empregado de uma hora para outra, se vê compelido a contar com qualquer cidadão que acene com o mínimo de conhecimento sobre o assunto. O fazendeiro poderá recorrer à substituição por outro empregado existente na fazenda ou terá que ir ao encaixe de outra pessoa fora da propriedade que resolva de imediato o problema, restringindo a entrevista com o indivíduo a ser contratado a uma única questão: "Você sabe ordenhar uma vaca?" Caso a resposta seja positiva, será efetivado imediatamente. No entanto, se a resposta for negativa, mas o candidato demonstrar interesse no emprego será contratado da mesma forma, também com início imediato.

O empregado galgado ao novo cargo é apresentado ao equipamento e num passe de mágica tem-se um novo ordenhador no Brasil. O resultado obviamente será um desastre. Isso se repete em todos os setores da fazenda de leite. Talvez a exceção dentro da atividade leiteira, onde não impera esse modo de atuação, seja a inseminação artificial devido ao trabalho bem feito pelas centrais que comercializam sêmen e por instituições como o Senar.

Aliás, alegar a inexistência de locais e oportunidades para que ocorram treinamentos da mão de obra é, no mínimo, falta de conhecimento, pois o Senar, ligado ao sistema CNA-Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, às federações estaduais de agricultura e a sindicatos dos produtores rurais existentes em quase todos os municípios brasileiros, tem oferecido vários cursos gratuitos relacionados à atividade leiteira e treinado milhares de pessoas. Não utilizar esta ferramenta é não dar a devida importância à influência do fator 'H' no sucesso da propriedade.

Certa vez, um técnico relatou que ao iniciar a assistência em uma propriedade leiteira, acompanhou o empregado responsável pelo preparo e distribuição da dieta ao rebanho, observando e corrigindo vários pequenos erros. Viu que ele não retirava a largura mínima da fatia de silagem no silo-trincheira, não eliminava as porções estragadas do material ensilado, não sabia lidar com a balança eletrônica, não limpava o cocho com esmero e, durante a distribuição do alimento, lidava com brutalidade com as vacas que ousassem chegar perto antes que ele permitisse.

No final do dia, ao ouvir observações sobre as falhas cometidas, o empregado agradeceu o fato de o técnico ter lhe ensinado tantas coisas e disse que fazia errado por que ninguém havia explicado o ofício desde o momento de sua contratação há seis meses vindo do meio urbano, onde era ajudante de pedreiro.

Muitos produtores vão atrás de novidades técnicas que possibilitem tirar a propriedade do 'vermelho', quando, geralmente, o segredo está em fazer o 'arroz com feijão' bem feito. Trabalhar junto, ensinando o empregado, corrigindo-lhe as falhas, que certamente ocorrerão, estimulando opiniões e sugestões para melhoria do serviço, e, em contrapartida, cobrando seriedade, disciplina e responsabilidade, é um investimento que trará muitos dividendos à propriedade, não exigindo dispêndio vultoso de capital, apenas boa vontade e paciência.

Dois bons começos para esse início de treinamento são: primeiro, ensinar os empregados a respeitar as vacas leiteiras tratando-as com atenção, cuidado e gentileza, afinal, são elas que pagam as contas; segundo, praticar higiene em todas as etapas do processo de ordenha do leite, que é, no mínimo, uma questão de respeito aos consumidores.

Aproveite o início de novo ano, mude suas atitudes e volte seu foco para a execução simples e bem feita das tarefas mais corriqueiras. O resultado será surpreendente.

Feliz 2016!

NOTA: A fazenda Capão do Cipó, em Castro-PR, da Fundação ABC, polo de fundamentais pesquisas em agropecuária, invadida em 24 de agosto de 2015, infelizmente, até 20 de dezembro de 2015, continuava ocupada por integrantes do MST-Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. ■

Artur Chinelato de Camargo é engenheiro agrônomo, pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos-SP, e membro do conselho editorial de **Balde Branco**.

BALDE BRANCO

Conselho editorial

Vidal Pedroso de Faria,
Artur Chinelato de Camargo,
Paulo do Carmo Martins,
Tadashi Fujimori e
Nelson Rentero

Editor

Nelson Rentero (Reg. MTb 12.839)
rentero@uol.com.br

Diagramação e arte

Casa da Arte
cdadesign.com.br

Colaboradores

Luiz H. Pitombo,
João Antonio dos Santos,
Júnio Fabiano dos Santos,
Edson Lemos,
Rubens Neiva,
Silvânia Cuockinski,
Gustavo Ribeiro,
Lucildo Ahlert,
Patrícia Vieira Maia,
Duarte Vilela,
Rafael Ribeiro, Rosângela Zoccal e
Jackson Silva e Oliveira

Executiva de Negócios

Marianna Correa -
marianna.correa@terra.com.br
(11) 2081-2163 e (11) 9-9975-6429

Assinaturas:

baldebranco@baldebranco.com.br
(11) 2081-3045 e 0800 7715181 (ligação gratuita) - Fax: (11) 2081-3144

Alexandre Morais -
alexandre.morais@baldebranco.com.br
Paula Nocetti -
paula.nocetti@baldebranco.com.br

Coordenação Administrativa:

Cristhiane Melo -
cristhiane.melo@baldebranco.com.br
(11) 2081-2579.



Balde Branco, consciente de sua responsabilidade ambiental e social, utiliza tinta vegetal na impressão desta edição.

Impressão

Log & Print Gráfica e Logística S.A.
Revista produzida com sistema CTP

Edição: 17.000 exemplares

Assinatura anual: R\$ 105,00

Exemplar atrasado: R\$ 10,50

- Autorizamos a reprodução total ou parcial de nossos artigos, desde que mencionada a fonte.

Redação, administração, publicidade e assinaturas:
Rua Parque Domingos Luis, 126 - São Paulo, SP - CEP: 02043-080 - telefones: (11) 2081-3045 / 2081-2163 / 2081-2579 - fax: (11) 2081-3144.

- Os conceitos emitidos nos artigos assinados ou nos anúncios de publicidade são inteiramente de responsabilidade de seus autores, não traduzindo necessariamente a opinião da revista.

Balde Branco é uma publicação registrada no INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial sob nº 006333770 de 10/6/86 e na Lei de Imprensa (6º Ofício) sob nº 20963 de 12.01.90.



facebook.com/revistabaldebranco